



## ESTÉTICA E TRABALHO

Manoel Pereira Lima Junior\*

**Resumo:** *O presente artigo tem por objetivo fazer uma crítica à estética na sociedade capitalista. Tal crítica fundamenta-se em textos de filósofos como Marx, Vázquez, Benjamin e Eagleton, sendo que a concepção marxista de trabalho tem grande importância no desenvolvimento do tema proposto, visto que, pela produção do trabalho, o homem pôde desenvolver, juntamente com os objetos e instrumentos produzidos, os seus sentidos, e com isso a sensibilidade estética. Entretanto, a discussão central gira em torno do papel revolucionário da estética na sociedade capitalista. Uma sociedade que, com o seu modelo de divisão do trabalho, entorpece e anestesia o homem. E desta forma (com os estetas do capital), impede o processo revolucionário.*

**Palavras-chave:** Estética; Trabalho; Sentido; Torpor.

É bem provável que todos já estejam cansados de ler e ouvir que foi Baumgarten, por volta de 1750 (com a publicação do livro *Aesthetica*), quem criou a disciplina filosófica estética. Entretanto, no presente artigo, busca-se escapar da definição dada por Baumgarten. O intuito, aqui, é mais na perspectiva de uma *estética dos sentidos, da sensibilidade* do que de uma teoria da *arte e do belo* – sem, contudo, desprezar ou abrir mão completamente da teoria da arte. E a partir dessa perspectiva fazer uma crítica da estética dentro da sociedade capitalista e o seu modelo de produção.

Assim sendo, evocar-se-á o conceito de estética como enriquecimento e manifestação dos *sentidos humanos*. Mas tal enriquecimento e manifestação dos sentidos como uma consequência direta dos meios de produção e criação vigentes na sociedade. Deste modo, ao mesmo tempo que o homem desenvolve suas forças criativas e produtoras, igualmente, refina os *seus sentidos humanos*, pois, o trabalho é o processo de libertação do homem da natureza imediata e de humanização do natural, isto é, criação da cultura. Não obstante, a redução dos produtos humanos (e até mesmo do homem) à condição de mercadoria – de meio para um fim (econômico) –, no modo de produção capitalista, faz precisamente o contrário: gera a perda da sensibilidade, a *degenerescência do estético*.

De outro modo, o contrário da estética é a anestesia – *anaesthesia* –, quer dizer, o *torpor*, a perda da sensibilidade, o atrofiar do olhar, do tocar, do ouvir, etc. Será demonstrado, assim, que a sociedade capitalista é uma sociedade de sujeitos anestesiados<sup>†</sup>. Mais do que isso, o anestésico surge como necessidade produzida socialmente. Por último, deseja-se demonstrar a relação íntima da estética com a política, de sorte que para um desenvolvimento profundo dos sentidos humanos o trabalho uma noção importante. O trabalho já é algo constitutivo do estético

---

\* Formado em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador, mestrando em Filosofia Contemporânea pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia e membro do Grupo de Pesquisa Empirismo Fenomenologia e Gramática.

<sup>†</sup> É importante distinguir o sujeito *anestesiado* do sujeito alienado, pois a concepção de alienação dada pela tradição marxista é de uma falsa consciência, enquanto *o conceito de anestesia ou torpor* diz respeito diretamente ao corpo, aos *sentidos*.



e manifesta-se, sobretudo, na arte. E é justamente pela natureza livre da estética que a arte entra em contradição com o modelo capitalista, de modo que o fazer artístico (originariamente estético) implica uma mudança do modo de produção. É preciso que o *fazer* humano desemboque num mundo humanizado e concreto e não que ele redunde em entidades fantasmagóricas que sugam a energia vital do homem. Portanto,

o sujeito só pode contemplar, transformar e gozar humanamente o objeto na medida em que não se deixa absorver ou escravizar por êle.<sup>‡</sup> Mas a humanização dos sentidos é correlativa da humanização do objeto. Os sentidos humanos se afirmam como tais mediante sua relação com os objetos humanos ou humanizados correspondentes... Há uma correlação entre o caráter humano do sentido e o sentido humano do objeto (Vázquez, 1978, p. 84).

Para que o exposto até agora torne-se mais claro, será necessário um maior aprofundamento nos conceitos de *trabalho* e de *estética*.

Bem, a partir das contribuições de Marx e do marxismo para o esclarecimento do conceito de trabalho, vê-se que existe uma relação entre trabalho e estética. Mas isso não quer dizer que essa relação seja de identidade, pelo contrário. O primeiro é a condição de possibilidade da segunda. Com efeito, sem o desenvolvimento do trabalho, para suprir as necessidades imediatas humanas e sem a confecção de ferramentas, instrumento de trabalho e desenvolvimento de técnicas, o homem não teria desenvolvido os *sentidos* e teria permanecido no reino animal. Pois,

(...) para produzir o tipo de objetos que são precisamente obras de arte, é forçoso que se tenha elevado previamente, e em grau considerável, a produtividade do trabalho humano... O trabalho é assim, histórica e socialmente a condição necessária do aparecimento da arte, bem como da relação estética do homem com seus produtos (ibid. p. 72/73).

Desta forma, no processo histórico, o trabalho – produção de valor de uso, utilidade – precedeu o sentido estético. Ambas as esferas expressam o homem como ser criativo. Todavia, a estética surge como uma superação do trabalho, pois este satisfaz as necessidades imediatas, já naquela, o homem está inserido numa esfera essencialmente humana da subjetividade, da individualidade, na qual, o significado e a significação que é dada a cada objeto ultrapassou o limite do puramente natural – da natureza não transformada pelo trabalho – e também o limite da utilidade imediata para, enfim, produzir o artístico, isto é, o homem na sua dimensão mais rica.

Sendo assim, se o trabalho é uma dimensão humana, mas que o seu objeto é exterior ao homem, a estética, por sua vez, é a dimensão humana da interioridade, da liberdade de criação – a despeito dos condicionamentos históricos e sociais. Por conseguinte, se o trabalho, dentro das condições capitalistas de produção, ao invés de afirmar o homem, mutilá-o, a única via possível de afirmação plena do homem é a estética. Deste modo, “buscando o humano, o humano perdido, Marx encontra o estético como um reduto da verdadeira existência humana, e não apenas como um seu reduto, mas como uma esfera essencial” (ibid. p. 52). É o que também

---

<sup>‡</sup> A grafia do pronome pessoal foi mantida para ser fiel à tradução antiga – década de 70. No correr do texto, outras citações do livro de Vázquez aparecerão com a regra antiga da língua portuguesa, pois na época da tradução era a norma culta em voga.



achava Lukács ao dizer que a arte é ‘o modo de expressão mais adequado e mais elevado da autoconsciência da humanidade’ (Abbagnano, 2000, p. 369). Com isso não se deseja opor a esfera do trabalho à esfera da estética. O primeiro é a condição necessária da segunda, mas está preso ao limite da utilidade, enquanto a estética está caracterizada (também) pela ausência de necessidade exterior. Por assim dizer, a estética assume o estatuto de trabalho livre<sup>§</sup> por não ser uma imposição feita ao homem. Então, pode-se dizer com Marx

que o trabalho é externo ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua *physis* e arruína o seu espírito. (...) O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de auto-sacrifício, de mortificação (Marx, 2004, p. 83).

E assim, fica evidente a superioridade da estética, enquanto dimensão humana da liberdade, frente ao trabalho, sobretudo no modelo de produção capitalista.

Chega-se, então, a um ponto crucial: de que modo a produção dos objetos para o mercado interfere na percepção humana? Isto é, de que modo os *sentidos* humanos formatam-se ou são formatados aos produtos do trabalho? Ou são por eles formatados? Como já fora exposto, a atividade artística só surge após grandes avanços do trabalho sobre a natureza. E o trabalho humano, por seu turno, cria uma nova natureza humanizada. E a partir desses novos objetos, fruto do trabalho, surge uma nova percepção, *um novo modo de sentir e de compreender o mundo*. O próprio Marx afirma isso ao dizer que “o objeto de arte, tal como qualquer outro produto, cria um público capaz de compreender a arte e de apreciar a beleza. Portanto, a produção não cria somente o objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto” (ibid. 1999, p. 33). Assim, é possível afirmar que no modelo de produção capitalista os sentidos ou a *sensibilidade humana* não são enriquecidos, educados, mas sim degenerados, reduzidos à condição de mercadoria. Isto porque o trabalho produz para o consumo, de modo que para cada novo produto cria-se uma nova necessidade, quer dizer, *torna-se necessário uma nova maneira de sentir e de perceber o mundo e os objetos*. Com palavras diferentes Walter Benjamin também concorda com este pensamento, pois ele afirma que “no interior de grandes períodos históricos, a forma de perceber das grandes coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência” (1994, p. 169). Isso significa que se o modo de existência capitalista atrofia, *entorpece a sensibilidade humana*, é preciso buscar um modo de existência que a potencialize. Mas isso só se dará por meio do trabalho livre, pela educação da sensibilidade, ou do modelo econômico e de produção.

Exige-se um novo modo de produção e de distribuição dos bens culturais com o propósito de que o novo modelo de produção engendre uma verdadeira *difusão estética e enriquecimento da sensibilidade humana* a partir da produção voltada para o homem, pois, se os produtos do trabalho não são fim para o mesmo, mas meio de sobrevivência, é certo que a relação dele com os objetos será uma relação de estranhamento. Com isso, não se pode esperar que a forma de perceber e sentir o mundo seja-lhe (ao homem) prazerosa. Pelo contrário, é-lhe sofrível, pois além do seu trabalho penoso, o trabalhador não se sente humano, visto que suas necessidades estão restritas ao comer e ao beber minimamente. Ou, como disse Marx:

---

<sup>§</sup> A estética, de fato, na arte, faz-se trabalho livre e criativo e, apesar dos condicionamentos, o artista, por necessidade, ultrapassa os limites históricos e sociais, de modo que o seu produto é fruto de um fazer livre.



Assim como a música desperta primeiramente o sentido musical do homem, assim como para o ouvido não musical do homem a mais bela música não tem *nenhum* sentido, é nenhum objeto, porque o meu objeto só pode ser a confirmação de uma de minhas forças essenciais, portanto só pode ser para mim da maneira como a minha força essencial é para si como capacidade subjetiva, porque o sentido de um objeto para mim (só tem sentido para um sentido que lhe corresponda) vai precisamente tão longe quanto vai *meu* sentido, por causa disso é que os *sentidos* do homem social são sentidos *outros...* (2004, p. 110)

Destarte, é possível perguntar: onde está o caráter revolucionário da estética, da obra de arte? Primeiro, um dos fatores que torna a obra de arte revolucionária é sua irredutibilidade (total) à condição de mercadoria, por isso os grandes e geniais artistas (na sociedade burguesa) afastam-se do grande público e meios de difusão em massa, mas pagam um preço caro, sendo lançados à miséria, à loucura ou à morte – para no pós-morte colherem os benefícios do mundo burguês; segundo, pela necessidade que tem o artista de expressar a própria subjetividade, trazendo sempre consigo o novo e o revolucionário. Contudo, isso não é condição suficiente para a o enriquecimento dos sentidos, visto que

tão-somente uma mudança nas relações sociais pode fazer como que o trabalho do homem recobre seu verdadeiro sentido humano e que a arte seja o meio de satisfazer uma alta necessidade espiritual e não simples meio de subsistência material, física. Daí resulta que a salvação da arte, em última instância, está não na própria arte, mas na transformação revolucionária das relações econômico-sociais que tornam possível a degradação da produção artística ao fazê-la cair sob a lei geral da produção mercantil capitalista (Vázquez, 1978, p. 95).

Então, o caráter revolucionário da estética reside na sua impossibilidade de ser completamente reduzida à condição de mercadoria, pois, o trabalho artístico, como trabalho concreto, preserva a qualidade individual e, assim, pela própria constituição não é redutível ao trabalho abstrato, isto é, quantitativo.\*\* Apesar disso, tenta-se reduzir o trabalho artístico a trabalho assalariado, o que implica em falseamento da arte. No trabalho artístico, o *valor* não pode ser medido pelo tempo médio, pois não é equiparável, não existe um tempo socialmente necessário que lhe diga respeito. Contudo, ele pode ter preço (como tem)<sup>††</sup>, já que o preço pode expressar a magnitude do valor, mas também pode ser completamente arbitrário.

Todavia, é bem verdade que o desenvolvimento técnico do trabalho ajudou na difusão da arte. Mas, segundo Benjamin, foi justamente isso que arruinou a obra de arte, haja vista que com “a reprodutibilidade técnica” a obra de arte ficou mais próxima, mais acessível ao homem, porém, perdeu seu “aqui e agora”, ou seja,

mesmo que essas novas circunstâncias deixem intato o conteúdo da obra de arte, elas desvalorizam de qualquer modo, o seu aqui e agora. Embora esse fenômeno não seja exclusivo da obra de arte, pode ocorrer, por exemplo, numa paisagem que aparece num filme aos olhos do espectador, ele afeta a obra de arte em seu

\*\* Como nos ensina Marx em O capital, o valor do trabalho é medido pelo tempo socialmente necessário. Mas este tempo mede o trabalho abstrato, quantitativo, desconsiderando as diferenças qualitativas. Com a arte isso não pode acontecer, porque cada trabalho é singular e não se reduz a trabalho abstrato.

<sup>††</sup> Valor e preço são completamente diferentes. Só o trabalho gera valor, enquanto preço qualquer coisa pode ter.



núcleo especialmente sensível que não existe num objeto na natureza: sua autenticidade (1994, p. 168).

Desta forma, o sucesso da difusão em massa, atendendo as imposições do mercado é a morte da autenticidade da obra de arte.

Aqui, surge a oportunidade para suscitar um problema: o do acesso à arte. Sempre as classes dominantes tiveram acesso privilegiado à arte, enquanto as classes subalternas colhiam as “migalhas” da arte. O que ocorre, contudo, no tempo presente, é mais grave, pois o processo de reprodução técnica com fins econômicos sufoca inclusive a chamada “arte erudita”. Resultado, o homem contemporâneo assume um *estado de torpor social*, quer dizer, sofre os efeitos dessa *anti-estética*, da anestesia diretamente no corpo. De fato, a reprodução da arte como mercadoria, ao mesmo tempo que a popularizou, também empobreceu-a. Até mesmo porque o interesse estético-cultural perdeu lugar para o interesse político-econômico. Então, o que ocorre? O capital produz necessidades, desejos e anseios estéticos, lançando novos objetos no mercado. Produz um discurso convincente, utilizando a mídia e artistas conhecidos. E por fim, instauram as novas maneiras de sentir e representar o mundo, ou seja, um outro padrão de comportamento. Isto tudo sob a tutela do trabalho dentro do modelo capitalista. Contudo, as necessidades e desejos produzidos no trabalhador não são satisfeitos. Primeiro porque o seu poder de compra é limitado; segundo porque esse tipo de arte produzida é degenerada, não é fruto da liberdade criadora humana, de modo que não preenche o homem, mas esvazia-o. O que resta, então, para preencher o vazio estético, esta necessidade de gozo? Resta anestesiarse, entorpecerse! Quer dizer, com a própria impotência diante do capital, trabalhando e consumindo suas forças vitais e vendo que não tem como fruir da sua produção, *o homem entrega-se ao alcoolismo, à prostituição, aos supermercados religiosos, à tv, etc*, já que o capital direciona-lhe o desejo estético, mas não tem como abafar uma necessidade verdadeira do corpo e do espírito humano. Neste ponto, o foco passa do estético ao político, pois a cultura de massa, juntamente com os entorpecentes sociais supracitados, servem de agentes anestésicos e contra-politizantes. Mas, de forma muito escamoteada, de sorte que os estetas do capital possam atuar livremente, criando uma sociedade do simulacro, onde os sujeitos vivem papéis, porém, na vida real, na sua solidão, têm de envenenar-se, entorpecer-se para que a vida continue fazendo sentido. Ora, se o homem tem necessidade de gozar é preciso satisfazê-lo. Mas, se satisfazê-lo como ser humano não é viável economicamente, então, é melhor embrutecê-lo e tirar lucro disso. Mas esta situação não é vantajosa nem para o capitalista, visto que

quanto mais o capitalista renuncia ao seu prazer, devotando seus esforços, em seu lugar, à modelação deste alter-ego zumbi, mas satisfações de segunda mão ele é capaz de colher. Tanto o capitalista quanto o capital são imagens de mortos-vivos, um animado, apesar de anestetizado; o outro inanimado, mas ativo (Eagleton, 1993, p.149).

Pode-se concluir, portanto, que existe uma íntima relação entre estética e trabalho e que a *forma de sentir e perceber a sociedade e a si mesmo* do sujeito é uma grandíssima força política. Assim, se o modo de existência da sociedade capitalista condiciona a produção dos objetos e com isso direciona a forma de sensibilidade, através da esfera econômica, é preciso uma transformação. Faz-se necessário a instauração de um novo modelo, no qual a dimensão estética do humano esteja no *primeiro plano*, pois esta é uma dimensão da liberdade humana. O novo



modelo deveria partir da *inspiração comunista*<sup>‡‡</sup>, haja vista que “o comunismo é a figura necessária e o princípio enérgico do futuro próximo, mas o comunismo não é, como tal, o termo do desenvolvimento humano – a figura da sociedade humana.” (Marx, 2004, p. 114). Com efeito, o mundo humano é conquista da humanidade.

A noção de trabalho portanto, não só é importante como é necessária, pois a transformação radical do modo de produção, traz consigo um processo prático que não tem os sentidos humanos como ferramenta ou meio de produção e que tem os objetos do trabalho como uma extensão dos sentidos humanos. E que, assim, o homem possa fruir dos seus objetos. Mais que isso, que o homem possa objetivar-se artisticamente, expressando pela linguagem artística a subjetividade humana, que não atinge o seu auge no trabalho estranhado, pois esse tipo de trabalho tem a natureza do puramente útil e deve ser ultrapassado – como o é – pelo estético. Porque esta é a dimensão do gozo, do prazer, enfim, é a dimensão que supera o dualismo corpo e alma, visto que une o que outrora fora separado: o corpo e o espírito. O primeiro com a sensibilidade e a segunda com a liberdade.

Naturalmente, não se deseja afirmar, aqui, que o socialismo seja a solução para a arte e a acessibilidade plena à arte, pois o acesso à obra de arte – historicamente – é difícil à totalidade dos homens (em cada época distinta). Não é porque se instaura o socialismo – se isso acontecer – que todos os homens terão acesso à arte. É bem verdade que o problema na sociedade capitalista agrava-se, visto que além de as pessoas não terem acesso à boa arte, perde-se ainda o que há de essencial na obra de arte e na pessoa: o aspecto humano. Deste modo, a vantagem do socialismo sobre o capitalismo está no enriquecimento estético como um todo, isto é, na educação dos sentidos e na humanização dos objetos como resultado da atividade humana. O que só se tornará possível com a mudança material dos meios de produção, quer dizer, os meios de produção pertencem aos homens e estes não têm de atrofiar o próprio físico com um trabalho repetitivo e maquinal. Que, pelo contrário, o trabalho seja oportunidade de potencializar os sentidos e, assim, a sensibilidade estética, preservando a própria identidade e autonomia, e, assim, possa interferir na vida política dos homens.

Para encerrar só mais uma palavra sobre Socialismo. Não fazemos alusão ao Socialismo enquanto fato histórico ou social, pois, isso não nos interessa. A nossa referência, aqui, é ao sentido do termo Socialismo, como comunhão dos bens, que podem ser materiais ou culturais. E é nesse sentido que tratamos e entendemos o Socialismo. Não queremos defender doutrinas, mas defender aquilo que os gregos chamavam de *koinonia*. É certo que isso pode parecer utópico, mas isso também é irrelevante. O que importa no utópico é a sua capacidade de mobilizar sonhos e, portanto, formas de ser e de agir.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

---

<sup>‡‡</sup> Entenda-se Comunismo por Socialismo. A despeito do fracasso dos modelos de socialismo real que a história nos oferece. Pois, o que nos importa aqui é o modelo e não o efetivo.



**XII SEMOC** SEMANA DE  
MOBILIZAÇÃO  
CIENTÍFICA  
SEGURANÇA: A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA



BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da arte.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Para a crítica da economia política.** Coleção Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

VÁZQUEZ, Adolfo S. **As idéias estéticas de Marx.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.